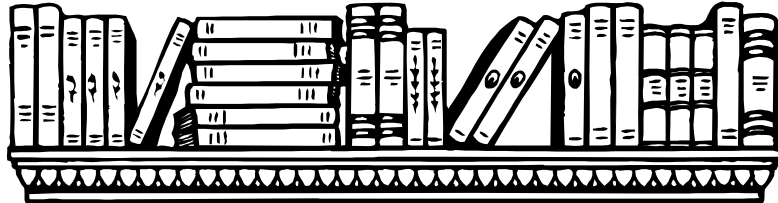


CURSO DE INTRODUÇÃO AO ESPIRITISMO - PARTE 4



ESPIRITISMO : As teorias e os fatos

Alucinação, sugestão & inconsciente

Dificuldades de estudo dos fenômenos espíritas

Provas de identidade



CENTRE SPIRITE LYONNAIS ALLAN KARDEC
23 RUE JEANNE COLLAY
69500 BRON
04-78-41-19-03
<http://spirite.free.fr>

« Eu era um materialista tão completo e tão convencido, que não podia haver em meu espírito nenhum lugar para uma existência espiritual. Mas os fatos são coisas pertinazes, e os fatos me venceram. Os fenômenos espíritas são igualmente provados pelos fatos como em todas as outras ciências ».

Russel Wallace.

Alucinação, sugestão & inconsciente

Em abril de 1859, o Sr. Jobert apresenta, à Academia de Ciências, o caso de Senhorita X..., de 14 anos de idade, que estava afetada, a partir dos seis anos, de movimentos involuntários regulares do músculo curto perônio lateral direito. Um ruído seco sucedia à cada contração muscular. Tendo estudado esse fenômeno, M. Jobert não hesitou em declarar que ele havia descoberto o segredo daquilo que ele chamava a grande comédia dos Espíritos batedores.

O Sr. Jobert já havia observado algum fenômeno espírita ? Não, ele tinha se contentado em estudar um fato médico que tinha uma analogia longínqua com as pancadas, e disso concluiu que a causa desse fato era a mesma de todos os fenômenos espíritas : o perônio ! Antes de pretender haver dado o golpe de misericórdia no Espiritismo, o Sr. Jobert talvez devesse se inclinar sobre os fatos espíritas ; ele teria então podido se questionar : Como este caso patológico que ele qualificava de raro pudera surgir assim tão de repente, tão comum ? Como os golpes iriam bater as portas, os muros, o teto, ou qualquer local designado, se eles tivessem por origem o perônio ? Como esse músculo crepitante poderia levantar mesas maciças sem as tocar, fazê-las atingir o teto e fazê-las se quebrar ao cair ? Como o perônio poderia tocar cordas de guitarra, compor cantos, responder às questões colocadas mentalmente, ou dar respostas nas línguas desconhecidas das pessoas presentes ?

Este episódio ilustra bem a atitude de numerosos cientistas quanto ao Espiritismo : partindo de uma idéia preconcebida de que a intervenção dos Espíritos não é possível, eles emitem hipóteses para explicar os fenômenos espíritas, sem confrontá-los com o exame dos fatos.

Uma outra teoria consiste em colocar os fenômenos sob a conta de ilusão dos sentidos ; assim, o observador seria uma pessoa de muito boa fé ; mas que acreditava ver aquilo que não via. Quando via uma mesa se elevar e manter-se no espaço sem ponto de apoio, a mesa não teria saído do lugar ; ela a via no ar por uma espécie de miragem ou um efeito de refração como aquele que faz ver um astro, ou um objeto na água, fora de sua posição real. Isso a rigor seria possível ; mas aqueles que testemunharam esse fenômeno puderam constatar o isolamento passando sob a mesa suspensa, o que parece difícil se ela não tivesse saído do solo. Por outro lado, aconteceu várias vezes a mesa se quebrar quando caía : diriam também que este é apenas um efeito ótico ?

A realidade dos fenômenos estando averiguada, o primeiro pensamento que naturalmente vem ao espírito daqueles que os reconheceram tem sido o de atribuir os movimentos ao magnetismo, à eletricidade, ou à ação de um fluido qualquer, em uma palavra, a uma causa toda física e material. Essa opinião não tinha nada de irracional e teria prevalecido se o fenômeno tivesse nascido de efeitos puramente mecânicos. Uma circunstância parecia mesmo corroborá-la : ocorria, em certos casos, o crescimento da potência em razão do número de pessoas ; cada uma delas podia assim ser considerada como um dos elementos de uma pilha elétrica humana. O que caracteriza uma teoria verdadeira, como já dissemos, é poder explicar tudo ; mas se um só fato a vem contradizer, é porque ela é falsa, incompleta ou muito absoluta. Ora, é isso o que não tardaremos a mostrar aqui. Esses movimentos e esses golpes deram sinais inteligentes, obedecendo à vontade e respondendo a um pensamento ; deviam então ter uma causa inteligente. Daí que o efeito deixa de ser puramente físico ; a causa, por si mesma, devia ter uma outra fonte, assim o sistema de ação exclusiva de um agente material deve ser abandonado e é encontrado somente entre aqueles que julgam a priori e sem ter visto. O ponto capital é constatar a ação inteligente, e disso então pode se convencer qualquer um que se dê ao trabalho de observar. O sábio William Crookes escreveu à propósito de suas pesquisas sobre o Espiritismo : « A inteligência que governa esses fenômenos algumas vezes é manifestamente inferior à do médium ; está freqüentemente em oposição direta com seus desejos. Quando uma determinação lhe era dada para que fizesse qualquer coisa que não pudesse ser considerada como um bem razoável, via-se-a dar urgentes mensagens para induzir-nos a refletir novamente. Essa inteligência é algumas vezes de um tal caráter, que somos forçados a admitir que não emanava de nenhum daqueles que estavam presentes. »

É incontestável, evidentemente, que se a mesa que se consulta dava respostas sobre assuntos desconhecidos dos assistentes, ou contrários a seus pensamentos, não é certamente deles que partia a resposta ; mas, como seria preciso que fosse feita por alguém, atribuímo-la a uma inteligência oculta que vinha se manifestar. Esta concepção não é uma invenção humana, porque cada vez que uma inteligência se manifestava, se lhe perguntava o que ela era, e constantemente ela respondia ser a alma de uma pessoa que habitara sobre a terra.

Uma vez reconhecida a ação inteligente, restava saber qual a fonte dessa inteligência. Pensou-se que podia ser a do médium ou dos assistentes, que se refletisse como a luz ou os raios sonoros. Isso era possível e somente a experiência poderia dar a última palavra. Mas antes de tudo, observamos que esse sistema já descartava completamente a idéia materialista ; para que a inteligência dos assistentes pudesse se reproduzir por via indireta, seria preciso admitir no homem um princípio fora do organismo.

Se os pensamentos exprimidos haviam sempre sido os dos assistentes, a teoria da reflexão teria sido confirmada ; ora, o fenômeno, mesmo reduzido a esta proporção, não seria do mais alto interesse ? O pensamento, repercutido em um corpo inerte e traduzindo-se pelo movimento e pelo ruído, não seria uma coisa bem marcável ? Não haveria aí algo para excitar a curiosidade dos sábios ?

Somente a experiência, dissemos, poderia dar agravo ou razão a esta teoria, e a experiência lhe deu agravo, porque demonstrava, a cada instante, e pelos fatos

positivos, que o pensamento exprimido podia ser, não somente estranho aos dos participantes, mas que freqüentemente o é inteiramente contrário ; o que vem contradizer todas as idéias preconcebidas, derrubando todas as previsões ; com efeito, quando penso no branco e o que me é respondido é o negro, me é difícil acreditar que a resposta venha de mim. Alguns se apoiavam sobre certos casos de igualdade entre o pensamento exprimido e o dos assistentes ; mas o que é que isso prova, senão que os assistentes podiam pensar a mesma coisa que a inteligência que se comunicava ? Não foi dito que deveriam ser sempre de opinião oposta. Quando, numa conversa, o interlocutor emite um pensamento análogo ao seu, dirá por isso que vem de você ? É bastante alguns exemplos contrários, bem constatados, para provar que essa teoria não pode ser absoluta. Como, aliás, explicar pela reflexão do pensamento, a escrita produzida por pessoas que não sabem escrever, as respostas do mais alto porte filosófico obtidas por pessoas iletradas, aquelas que são dadas às questões mentais ou numa língua desconhecida do médium, e milhares de outros fatos que não podem deixar dúvida sobre a independência da inteligência que se manifesta ? A opinião contrária só pode ser resultado de uma observação falha.

Se a presença de uma inteligência estranha fica provada moralmente pela natureza das respostas, o é também materialmente pelo fato da escrita direta, isto é, de escrita obtida espontâneamente, sem pena nem lápis, sem contato, e com todas as precauções tomadas para garantia contra todo subterfúgio. O caráter inteligente do fenômeno não poderia ser posto em dúvida ; de onde se conclui que haveria outra coisa além de uma ação fluídica. Por conseguinte, a espontaneidade do pensamento exprimido fora de qualquer expectativa, em toda questão proposta, não permite ver um reflexo daqueles dos assistentes.

Outros críticos objetam que, nas relações com o mundo invisível, o homem não se comunica somente com as almas dos mortos, mas também com vãs aparências, como larvas, formas fluídicas animadas por uma espécie de vibrações moribundas do pensamento dos defuntos. Veremos na terceira parte deste estudo, intitulado « Provas de identidade » que a hipótese das larvas não é de nenhuma maneira justificada ; os fatos demonstram, ao contrário, que tem relação com as almas de homens que viveram sobre a terra. Possuem um caráter essencialmente humano. A ação dos manifestantes é humana ; usam linguagem, escrita, desenhos humanos. Seus fenômenos intelectuais são marcados pelas idéias, sentimentos, emoções, em uma palavra, por tudo aquilo que constitui a trama de nossa própria existência. Suas comunicações podem ser de todos os graus, desde o trivial até aos mais sublimes, mas isso é ainda o que caracteriza o meio humano. As formas dos fantasmas materializados, nas fotografias, são aquelas de seres semelhantes a nós e nunca de demônios, de larvas ou de elementais. Acrescente a isso todos os fatos e detalhes de ordem positiva que estabelecem que os manifestantes viveram entre as gerações humanas, e chegaremos à certeza de que a regra atribuída ao demônio e às larvas nos fenômenos espíritas não são mais que o produto de uma imaginação desregrada.

Um dos fatos mais remarcáveis do Espiritismo são as moldagens de mãos e de pés materializados, na parafina fervente, e que, resfriadas, deixam os experimentadores de posse de objetos que são como testemunhas da presença e da passagem de seres invisíveis. A parafina é fundida em uma certa quantidade de água fervente. As mãos dos espíritos materializados vêm aí se molhar, depois, ainda

molhadas de parafina, se retiram para serem mergulhadas a seguir num vaso de água fria, na superfície da qual os moldes permanecem flutuando. Sua abertura no punho, sendo menor que o resto da mão, seria preciso que esta pudesse se dissolver fluídicamente para deixar o molde intacto. Uma mão humana não poderia ter se desembaraçado sem quebrar o envelope.

Nenhuma alucinação, sugestão ou inconsciente são capazes de explicar este fenômeno ; somente a teoria espírita o pode.

Vale anotar :

- As teorias pseudo-científicas, tais como a alucinação, o inconsciente ou a sugestão, para explicar o fenômeno espírita, resulta de um estudo incompleto dos fatos do espiritismo.

- O método científico, que consiste em confrontar as teorias com os fatos, é freqüentemente abandonado, pelos cientistas, em favor de um método que consiste em levar em conta apenas os fatos que estiverem de acordo com suas idéias preconcebidas.

Para saber mais :

** O Livro dos médiuns Allan Kardec (c. IV, 1ª parte, Sistemas)*

** O Espiritismo perante a ciência Gabriel Delanne (3ª parte, c. II, As teorias dos incrédulos e o testemunho dos fatos)*

** Que é o Espiritismo ? Allan Kardec (p.42, Falsas explicações do fenômeno)*

No Invisível Léon Denis (2ª parte, chap. XXIII, Hypothèses et objections)

Les miracles et le moderne spiritualisme de Alfred Russel Wallace (appendice, de la réalité objective des apparitions)

Revista Espírita 1859 - p. ()

Revista Espírita 1861 - p.193 (Ensaio sobre a teoria da alucinação)

Revista Espírita 1890 - p.131, 161, 193 Alexandre Vincent (A teoria do inconsciente)

Revista Espírita 1922 - p.86 Alfred Bénézech (Os partidários do subconsciente)

Dificuldades do estudo dos fenômenos espíritas

Raros têm sido durante muito tempo, na França, nos meios oficiais, os experimentadores liberados das rotinas clássicas e dotados das qualidades necessárias para bem conduzir estas delicadas observações. Todos aqueles que têm procedido com perseverança e imparcialidade puderam constatar a realidade das manifestações dos defuntos. Mas, tão logo publicam os resultados de suas pesquisas, encontram, mais freqüentemente, apenas incredulidade, indiferença ou escárnio. Os homens de ciência, para explicar os fatos espíritas, têm acumulado sistema sobre sistema e recorrido às hipóteses mais inverossímeis, torcendo os fenômenos para os fazer entrar em suas concepções.

É assim que vimos surgir tantas teorias estranhas, como a do nervo crepitador de Jobert de Lamballe, a das articulações estalantes, a dos automatismos psicológicos, a das alucinações coletivas, até aquela subliminar. Essas teorias, mil vezes refutadas, renascem sem cessar. Dir-se-ia que os representantes da ciência oficial nada temem tanto quanto serem obrigados a reconhecer a sobrevivência e a intervenção dos Espíritos.

O estudo dos fenômenos é de uma importância capital ; é sobre ele que repousa o espiritismo por inteiro ; mas, muito freqüentemente, a falta de método, a falta de continuidade e de direção nos experimentos, tornam estéreis a boa vontade dos médiuns e as legítimas aspirações dos pesquisadores. É a essas causas que é preciso atribuir os resultados pouco concludentes que se obtém em tantos meios. Experimenta-se ao acaso, febrilmente, sem cuidar das condições necessárias ; tem-se pressa de obter os fenômenos transcendentais. Por conseqüência mesmo do estado de espírito com que se conduzem as pesquisas, acumulam-se as dificuldades e, por fim, após algumas tentativas, obtém-se apenas fatos insignificantes, banalidades ou mistificações, desencorajando e afastando os experimentadores.

Os homens de ciência querem impor à essas pesquisas as regras da ciência ortodoxa e positiva, que consideram como os únicos fundamentos da certeza, e se essas regras não forem adotadas e seguidas, rejeitam sem piedade todos os resultados obtidos.

Entretanto, a experiência nos demonstra que cada ciência tem suas regras próprias. Não se pode estudar com sucesso um nova ordem de fenômenos inspirando-se em leis e condições que regem fatos de uma ordem diferente. É somente por meio de pesquisas pessoais ou graças à experiência adquirida nessa via pelos pesquisadores conscienciosos, e não em virtudes de teorias à priori, que se pode determinar as leis que governam os fenômenos ocultos. Essas leis são as mais sutis e complicadas. Seu estudo exige um espírito atento e imparcial. Mas como exigir imparcialidade para aqueles cujo interesse, renome e amor-próprio estão ligados estreitamente a sistemas ou a crenças que o Espiritismo poderia abalar ?

Não é necessário ser um matemático, um astrônomo, um médico de talento, para empreender, com chance de sucesso, as investigações em matéria de Espiritismo ; basta conhecer as condições a preencher e submeter-se a elas. Essas condições, nenhuma outra ciência poderia indicar. Somente a experimentação assídua

e as revelações dos Espíritos-guias, nos permitem estabelecê-las de uma maneira precisa.

Em muitos casos, o fenômeno espírita se produz com uma espontaneidade que excede todas as previsões. Pode-se apenas constatá-lo. Ele se impõe e escapa à nossa ação. Chame-o, ele se furta. Mas se você não pensa mais nele, reaparece. Isso ocorre em quase todos os casos de aparições à distância e nos fenômenos de casas assombradas. Os fantasmas vão e vêm, sem se preocupar com nossas exigências e nossas pretensões. Espera-se durante horas e nada se produz. Faz-se menção de partir, as manifestações começam.

À propósito da imprevisibilidade dos fenômenos, recordemos o que disse o Sr. Varley, engenheiro chefe dos serviços de postes e telégrafos da Grã-Bretanha¹ :

« A Sra. Varley via e reconhecia os Espíritos, particularmente enquanto estava em transe (estado de sonambulismo lúcido) ; ela é também uma médium muito boa de encarnações, mas não tenho sobre ela quase nenhuma influência para provocar o transe, de modo que me é impossível servir de sua mediunidade para fazer experiências. »

É um ponto de vista errôneo e grosseiro, de conseqüências impertinentes, considerar o Espiritismo como um domínio onde os fatos se apresentam sempre idênticos, onde os elementos de experimentação podem ser disponibilizados à nossa vontade. Fica-se exposto com isso a ter pesquisas vãs ou a resultados incoerentes.

Os sábios têm em pouca conta as afinidades psíquicas e a orientação dos pensamentos, que constituem entretanto um fator importante no problema espírita. São levados a considerar o médium como um aparelho de laboratório, como uma máquina que deve produzir os efeitos à vontade, e usam para com ele de uma cerimônia excessiva. As Inteligências invisíveis que o dirigem são comparadas por eles a forças mecânicas. Em geral, se recusam a ver nelas seres livres e conscientes, cuja vontade entra em grande parte nas manifestações, que têm suas idéias, seus desejos, seu objetivo, que desconhecemos, e que não estão sempre com o propósito de interagir ; umas porque a desenvoltura e a visão muito material dos experimentadores as afastam ; as outras porque, muito inferiores, não sentem a necessidade de demonstrar aos homens as realidades da sobrevivência.

Vale anotar :

- Não se pode repetir à vontade o fenômeno que se quer estudar, porque os Espíritos têm sua vontade própria. Estuda-se então o fenômeno Espírita em condições outras do que as das ciências clássicas como a Química, a Biologia, a Física, etc...

Para saber mais :

★ No Invisível Léon Denis (1ª parte, cap. IX, Condições de experimentação)

No Invisível Léon Denis (1ª parte, cap. II, Os modos de estudos)

Provas de identidade

Graças ao espiritualismo experimental, o problema da sobrevivência, onde as conseqüências filosóficas e morais são incalculáveis, recebeu uma solução definitiva. A alma se tornou objetiva, perfeitamente tangível : sua existência se revela, após a morte como durante a vida, pelas manifestações de toda ordem.

Os fenômenos físicos ofereceram de início apenas uma base insuficiente de argumentação ; mas, depois, os fatos se revestiram de um caráter inteligente. Eles foram acentuados ao ponto de que toda negação se tornou impossível.

É pelas provas positivas que a questão da existência da alma e de sua imortalidade foram decididas. As radiações do pensamento foram fotografadas ; o espírito, revestido de seu corpo fluídico, de seu envelope imperecível, aparece sobre a placa sensível. Sua existência se mostra assim tão certa quanto a do corpo físico.

A identidade dos Espíritos é estabelecida por fatos inumeráveis ; cremos dever citar alguns :

O Sr. Oxon (Stainton Moses), professor na Universidade de Oxford, em seu livro ‘Spirit Identity’, relata o caso onde uma mesa fez uma narração longa e circunstanciada da morte, da idade, até o nome do mês, e dos nomes (quatro para um dentre eles e três para um outro) de três pequenos seres, filhos de um mesmo pai, que tinham sido levados subitamente pela morte. « Nenhum de nós tinha conhecimento desses nomes pouco comuns. Foram mortos na Índia, e, quando a mensagem nos foi dada, não tínhamos nenhum meio aparente de verificação. » Esta revelação foi entretanto controlada e reconhecida sua exatidão mais tarde, pela testemunha da mãe das crianças, que o Sr. Oxon conheceu posteriormente.

O mesmo autor cita o caso de um senhor chamado Abraham Florentine, morto nos Estados Unidos, totalmente desconhecido dos experimentadores, e cuja identidade foi rigorosamente constatada, assim como a data de sua morte : 5 de Agosto de 1874. Oxon concluiu quanto a esse fato : « Há, no caráter da prova singularmente significativa que tínhamos obtido nessa ocasião, uma demonstração muito evidente do retorno daqueles nos deixaram, que não pode falhar de fornecer aos leitores matéria para as mais sérias reflexões.. Um fato positivo, é que jamais nenhum dentre nós tinha ouvido falar de Abraham Florentine ; não tínhamos amigos na América que nos dessem as novidades do que se passava, e, mesmo que algo tivéssemos tido, teriam então certamente falado de uma circunstância que não nos interessava de nenhuma forma. Para concluir, afirmo novamente, no interesse da verdade, que o nome, como também os fatos, eram totalmente desconhecido a nós três. »

A história de Siegwart Lekebush, jovem alfaiate que pereceu esmagado por um trem na ferrovia, prova ainda que é contrário à verdade afirmar que as personalidades que se manifestam pela mesa são sempre conhecidos dos assistentes.

Segundo Animismo e Espiritismo, de Aksakof, a identidade póstuma dos espíritos prova-se :

1º - Pelas comunicações da personalidade em sua língua materna, ignorada do médium (ver p.538, o caso da Sra. Edmonds, do Sr. Turner, da Sra. Scongall e da Mme Corwin, que se entendeu com um dos participantes por meio de gestos emprestados ao alfabeto dos surdo-mudos, que lhe era desconhecido no estado de vigília).

2º - Por meio de comunicações dadas no estilo característico do defunto, com as expressões que lhe eram familiares, recebidas na ausência de pessoas que o tinham conhecido (p. 543). « Acabamento de um romano » de Dickens, Edwin Drood, por um jovem trabalhador iletrado, sem que fosse possível constatar onde termina o manuscrito original e onde começa a comunicação medianímica.

Ver por exemplo a história de Luís XI, escrita pela Srta. Hermance Dufaux, com 14 anos de idade (Revista Espírita, 1858). Esta história, muito documentada, contém informações até então inéditas.

3º - Pelos fenômenos da escrita onde se reconhece aquela do defunto (p. 345). Carta da Sra. Livermore, escrita por ela mesma após sua morte. Este espírito estabeleceu sua identidade mostrando, escrevendo e conversando como fazia durante sua vida. Fato remarcável : o espírito escreveu, em francês mesmo, língua ignorada pela médium, Kate Fox. O caso onde o Sr. Owen obtém uma assinatura do espírito que foi reconhecida como idêntica por um banqueiro (ver Guldenstubbe, La Réalité des Esprits). Escrita direta de uma parente do autor, reconhecida idêntica à sua escrita quando vivo (Esses fatos têm sido obtidos inúmeras vezes em nosso próprio círculo de experiências).

4º - Pelas comunicações contendo um conjunto de detalhes relativos à vida do defunto, e recebidas na ausência de qualquer pessoa conhecida (ver p. 436). Pela mediunidade da Sra. Conant, um grande número de espíritos desconhecidos da médium tem sido identificados com pessoas que viveram em diferentes países (p. 559 e seguintes). O caso do velho Chamberlain, aquele de Violette, de Robert Dale Owen, etc.

5º - Pela comunicação de fatos que só eram conhecidos pelo defunto e que, sozinho, pode comunicar (ver p. 466). O caso dos filhos do doutor Davey, envenenado e jogado no mar, fato reconhecido exato pelo seguinte : descoberta do testamento do barão Korff ; o espírito Jack, que indica o que ele devia e o que lhe era devido, etc.

6º - Pelas comunicações que não são espontâneas, como aquelas que precedem, mas provocadas pelos apelos diretos do defunto, e recebidas na ausência de pessoas que o conheciam (ver p. 585). Resposta, pelos espíritos, a cartas fechadas (médium Mansfield). Escrita direta dando resposta à uma questão desconhecida do médium, o Sr. Watkins.

7º - *Pelas comunicações recebidas na ausência de todas as pessoas conhecidas do defunto, e que trazem certos estados psíquicos ou provocam sensações físicas que lhe eram próprias (p. 597). O espírito de uma louca, ainda perturbada no espaço. O caso do Sr. Elie Pond, de Woonsocket, etc.*

(Esses fenômenos são produzidos em número considerável de vezes nas seções dirigidas por nós mesmos).

8º - *Pela aparição da forma terrestre do defunto (p. 605).*

Por vezes, os espíritos possuem defeitos naturais de seu organismo material para se fazerem reconhecer após sua morte, reproduzindo esses acidentes nas materializações. Algumas vezes, é uma mão com dois dedos recurvados sobre a palma, outra de uma queimadura, ou bem como o indicador dobrado sobre a segunda falange, etc.

Para saber mais :

★ *O mundo invisível e a guerra* Léon Denis (c. XXV, Provas de identidade)

★ *Cristianismo e Espiritismo* Léon Denis (nº12, Os fenômenos espíritas contemporâneos ; provas de identidade)

★ *No Invisível* Léon Denis (2ª parte, cap. XXI, Identidade dos Espíritos)

★ *O fenômeno Espírita* Gabriel Delanne (2ª parte, c. II, Provas absolutas...)

La société anglo-américaine pour les recherches psychiques de Bennet (ch. VI, Preuves de l'existence d'intelligences autres...)

Après la mort de Camille Flammarion (ch. XI, Les manifestations des morts...)

Raymond ou la vie après la mort de Sir Oliver Lodge

Conclusão

Kardec escreveu, no assunto do Espiritismo, que « Esta crença se apoia sobre o raciocínio e sobre os fatos. Eu mesmo a adotei somente após maduro exame. Estando apoiado no estudo das ciências exatas, habituado às coisas positivas, sondei, escrutinei esta nova ciência nos seus recônditos mais escondidos ; queria me dar conta de tudo, porque não aceito uma idéia até que saiba o como e o porque. Eis o raciocínio que me fez um sábio médico outrora incrédulo, e hoje em dia um adepto fervoroso. »

Este e outros fascículos do curso estão disponíveis, gratuitamente, no endereço:

<http://home.ism.com.br/~pauloaf/curso.htm>